

Conversa de Etnólogos: A correspondência pessoal de

Darcy Ribeiro e Herbert Baldus¹

CAROLINA AROUCA GOMES DE BRITO²

O encantamento do historiador diante de documentos pessoais, encontrados preferencialmente em arquivos privados, tem constituído um campo de discussões e percepções históricas que trazem à cena a relação entre subjetividade e história. O interesse por objetos e fontes dantes não exploradas pela história ganham contornos mais definidos a partir da década de 1970, como afirma Christophe Prochasson. Nesse contexto, que aproxima a perspectiva histórica da pessoal acerca de um personagem, destaco o papel da correspondência pessoal. Neste trabalho pretendo apresentar e analisar a correspondência entre os etnólogos Darcy Ribeiro e Herbert Baldus, entre os anos de 1948 e 1956, com a finalidade de perceber, nesses registros, traços individuais que contribuam para a compreensão desses intelectuais em suas relações com a sociedade da época, as instituições que representavam, além da relação possível entre subjetividade e realidade. O recorte temporal dessa análise justifica-se por duas razões fundamentais, a primeira refere-se à regularidade da troca de correspondências entre Darcy Ribeiro e Herbert Baldus e a segunda por se tratar do período exato que Darcy Ribeiro atuou como etnólogo do Serviço de Proteção aos Índios, sob a constante intermediação de Herbert Baldus. Destaco ainda que a regularidade das correspondências analisadas denota forte vínculo intelectual entre os personagens citados no que se refere às teorias defendidas pela antropologia norte-americana e também alemã, ambas difundidas no Brasil no período em questão, em relação à organização, tradição e costumes dos grupos indígenas brasileiros. Além de enunciar

¹ Destaco que esse texto trata-se de uma versão preliminar de uma pesquisa em andamento realizada a partir de recente visita ao Memorial Darcy Ribeiro. Uma versão final substituirá e/ou complementará algumas questões aqui enunciadas.

² Doutoranda no Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz- Fiocruz/RJ.

fortes laços pessoais entre os personagens citados, as correspondências analisadas apresentam importantes vestígios acerca da trajetória profissional e institucional de ambos. A partir dessas cartas, bilhetes e convites, é possível depreender significativas pistas sobre o percurso intelectual de Darcy Ribeiro e também de Herbert Baldus. O conteúdo dessa série de correspondências pode ser percebido em duas chaves distintas, uma pessoal e outra intelectual, ambas denotando uma forte estima entre as partes. As cartas de Darcy Ribeiro endereçadas a Herbert Baldus, quase sempre eram iniciadas por “Querido Mestre, Mestre Baldus ou Prezado professor”. As de Baldus endereçadas a Darcy seguiam a forma clássica em “Meu caro Darcy”. Quanto ao conteúdo das correspondências há predominância de temas como: trocas de bibliografias sobre etnologia indígena, teorias e metodologias de pesquisa junto aos índios, além de indicações de pesquisadores para atuarem no campo ao lado de Darcy Ribeiro e Também de Herbert Baldus. Nesse sentido ressalto que a questão central dessa análise está em compreender e qualificar a intensa troca intelectual entre os referidos cientistas sociais presentes nas correspondências analisadas.

O encontro entre Darcy Ribeiro e Herbert Baldus se deu no âmbito da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo - ELSP - na década de 1940. A Escola Livre de Sociologia e Política foi criada em 27 de maio de 1933. Em 1935, a instituição foi considerada de utilidade pública pelo governo do estado de São Paulo. E, em 1938, tornou-se instituição complementar da USP³. Segundo Cyro Berlink⁴, o primeiro plano pedagógico da escola tinha por objetivo formar uma nova intelectualidade voltada para as questões políticas e sociais do Brasil no referido período, como disposto em seu “Manifesto da Fundação”, este redigido por um grupo de profissionais liberais e intelectuais paulistas. A questão central do Manifesto referia-se à necessidade de “formar uma elite através de métodos científicos, capazes de compreender antes de agir, o meio social em que vivemos” (Manifesto, 1933). Ainda segundo este documento, a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo atuaria no cenário político paulista e

³ Dados retirados do histórico da Fundação Escola De Sociologia e Política de São Paulo e suas Mantidas de 1966.

⁴ CyroBerlink foi diretor da Escola Livre de Sociologia e Política entre as décadas de 1930 e 1970.

nacional como um “centro de cultura político-social apto a inspirar o interesse pelo bem coletivo, a estabelecer ligação entre homem e meio ambiente e a incentivar pesquisas sobre as condições de existência e os problemas vitais de nossas populações (...)” (Manifesto, 1933).

Autores que se dedicam ao estudo do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil são unânimes em frisar importância da ELSP nesse processo, especialmente no que tange a suas especificidades estruturais, quando comparada a outras instituições de ensino voltadas para esse mesmo fim, criadas no mesmo período (Limongi, 1989, Oliveira, 1995). Segundo Limongi, a ELSP estava voltada para a formação de um “sociólogo profissional, dedicado às pesquisas empíricas” (Limongi, p.217, 1989). Esse profissional formado pela Escola estaria apto para os mais diversos cargos públicos, o que aproximaria os conceitos das ciências sociais ao desenvolvimento do país, como afirma Samuel Lowrie: “A Escola pretendia formar uma numerosa parcela da elite, sobretudo de administradores e funcionários técnicos para o serviço público, capazes de contribuir para o aperfeiçoamento do governo de nossa terra” (Lowrie, 1935). Neste sentido, a contribuição da Escola ultrapassaria os limites teóricos e formaria uma classe de cientistas sociais aptos para o “serviço público”. A orientação voltada para um ensino técnico da Escola tomaria forma, em primeiro currículo, para o curso de bacharelado em Ciências Políticas e Sociais, no ano de 1933. A criação da seção de pós-graduação capitaneada por Pierson em 1941 representou uma investida positiva na formação acadêmica dos cientistas sociais graduados nesse período, funcionando ainda como mais um diferencial em relação à USP, que nesse período não possuía pós-graduação e nem mesmo uma ênfase na pesquisa de campo. Limongi afirma ainda que a “ênfase no treinamento em pesquisas aliada à pós-graduação tornavam a ELSP uma alternativa sedutora para os recém-formados pela FFCL” (Limongi, p.223, 1989). Além de Pierson, outros professores estrangeiros compunham o colegiado da ELSP, entre eles Emilio Willens e Herbert Baldus, ambos alemães. Esses, como também Pierson, seriam

considerados representantes no Brasil da perspectiva de produção sociológica norte-americana, conhecida como Escola de Chicago⁵ (Oliveira, 2010).

Nesse contexto, em 1940, Herbert Baldus é contratado para ministrar a disciplina intitulada Etnologia Brasileira na ELSP. A referida disciplina trouxe à pauta das ciências sociais a questão indígena, fato importante por se tratar a ELSP de uma empreitada vinculada aos interesses das elites paulistas em compor os quadros administrativos e políticos para a cidade de São Paulo. É, portanto, a partir dessa chave de análise que apresento de forma sucinta a trajetória intelectual de Herbert Baldus

O primeiro contato efetivo de Baldus⁶ com grupos indígenas se deu em 1923⁷, em uma expedição ao Paraguai, onde visitou os grupos: Xamakoko, Kaskihá e Sanapaná (Passador, p.45, 2002). Sobre suas experiências etnológicas no Paraguai, Baldus publica seu primeiro artigo de cunho etnográfico, artigo este que sugere em linhas gerais suas principais características como etnólogo, as quais: “preocupação empirista com a pesquisa de campo, descrição etnográfica, crítica aos missionários e às políticas indigenistas oficiais e ainda os malefícios do contato e uma defesa apaixonada dos índios e suas tradições” (Passador, p.50-52, 2002). Segundo Passador, tais características apontam para um alinhamento ideológico de Baldus com a política indigenista brasileira iniciada com Rondon na década de 1910, com a criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais⁸. Para Baldus, a

⁵ Sobre a Escola de Chicago ver: Massi, 1989; Oliveira, 1995, entre outros.

⁶ Baldus nasceu em 14 de março de 1899, na Alemanha, filho de Carolina e Martin Baldus. Teve uma educação militar e também foi poeta e ator de teatro (Passador, 2002)

⁷ Antes, porém, desse contato com os grupos indígenas, Baldus esteve na América do Sul, no ano de 1921, onde visitou a Argentina e São Paulo, onde ficou até 1929. Sobre os motivos de sua vinda para a América do Sul, o autor Luiz Henrique Passador apresenta duas possibilidades, as quais se referem ao momento de instabilidade pós-guerra nos anos de 1920 na Alemanha, sob o regime da república de Weimar e também ao interesse prévio de Baldus pelos estudos etnológicos com os indígenas, este último apoiado na premissa de que Baldus teria tido contato com uma literatura alemã preocupada com temas vinculados à etnologia brasileira naquele período.

⁸ O SPILTN (Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais) foi instituído pelo Ministério da Agricultura Indústria e Comércio (MAIC) em 1910, mediante o decreto-lei nº 8.072.

gerência de políticas indigenistas deveria estar sob responsabilidade de etnólogos (Passador, p. 92/93, 2002). Essa orientação científica requerida por Baldus nas décadas de 1920 e 1930 somente foi contemplada na década de 1940, quando o SPI contrata seus primeiros etnólogos, como ponto mais a frente neste texto.

O lugar da etnologia e o papel dos etnólogos na promoção do bem-estar dos indígenas brasileiros são explorados por Baldus ao longo de sua trajetória. O trabalho de Passador afirma ainda que a inserção no circuito institucional brasileiro definiria novos contornos na trajetória de Baldus, que passaria a dedicar-se prioritariamente à docência e à divulgação da etnologia, em detrimento de suas viagens a campo (Passador, p.73, 2002). Neste sentido, destaco a atuação de Herbert Baldus na direção da seção de Etnologia da Revista *Sociologia*, pois, além de compor o corpo docente da ELSP, Baldus contribuiu de forma expressiva para a Revista. Os artigos de Baldus publicados na Revista *Sociologia* apresentam-se como uma agenda de pesquisa proposta por ele aos novos profissionais das ciências sociais. Os textos são, em geral, convites para a pesquisa. Baldus apresenta, quase sempre, um levantamento bibliográfico, algumas questões importantes sobre o tema proposto, além de descrições sobre a cultura e hábitos dos grupos indígenas estudados por ele, a fim de proporcionar ao leitor instrumentos de análise daquele grupo.

Orientador⁹ de inúmeros trabalhos de final de curso, Baldus influenciou as gerações de cientistas sociais dos anos de 1940 e 1950 que passaram pela ELSP, dentre os quais destaco Darcy Ribeiro. Deste modo, na seção seguinte discuto a trajetória de Darcy na ELSP, sua relação intelectual com o etnólogo Herbert Baldus através da análise da correspondência trocada entre os mesmos.

Passou a ser denominado apenas como Serviço de Proteção ao Índio (SPI) no ano de 1918. Seu primeiro diretor foi Cândido Mariano da Silva Rondon, entre os anos de 1910 e 1930.

⁹ Entre os orientandos de Baldus, estão Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes em seu trabalho sobre os Tupinambá, “A organização Social dos Tupinambá”

A trajetória acadêmica de Darcy Ribeiro na ELSP tem início quando ele atende ao convite de Donald Pierson para uma bolsa de estudos. No cargo de assistente de pesquisa, Darcy Ribeiro se aproxima das teorias e discursos acerca das ciências sociais, posto que sua atribuição principal como bolsista seria auxiliar aos professores Donald Pierson e Mário Wagner Vieira da Cunha na elaboração de uma bibliografia brasileira de interesse sociológico (Ribeiro, 1992). Apesar de ingressar nessa instituição a convite de Donald Pierson, é Herbert Baldus o professor que Darcy se refere como sendo um mestre: “*meu principal mestre na ELSP foi Herbert Baldus, um intelectual europeu, de velho estilo, poeta e liberal, o que fazia dele um alemão e um cientista atípico*” (Ribeiro, p.37, 1990).

Ao concluir seu curso na ELSP, Darcy recebe a proposta de trabalho para o cargo de etnólogo do SPI. Esta oferta conseguida através de uma recomendação de Herbert Baldus ao Marechal Rondon¹⁰ (então chefe do Conselho Nacional de Proteção aos Índios- CNPI), para que Darcy Ribeiro passasse a ocupar o cargo de etnólogo do Serviço de Proteção aos Índios já no ano de 1947 (Ribeiro, 1997). Deste modo, seguindo a indicação de Herbert Baldus, aquele com quem afirma ter “*aprendido seu ideal científico através da observação dos modos de ser, de viver e de pensar dos índios do Brasil*” (Ribeiro, p. 126, 1997), Darcy é contratado para atuar na recém-criada Seção de Estudos do SPI. Apesar da criação em 1942, “foi somente no ano de 1947¹¹ que esta Seção fez a contratação de seus primeiros técnicos, o lingüista Max Boudin e o etnólogo¹² Darcy Ribeiro” (Figueiredo, 2009), impelindo a essa seção uma nova orientação que preconizava os estudos etnológicos.

Deste modo, Darcy Ribeiro passa a realizar inúmeros trabalhos de campo a fim de reconhecer as populações assistidas por esse serviço. Enquanto autor e também *ator*

¹⁰ Apesar de Baldus ter recomendado Darcy ao Marechal Rondon, não encontrei, nos arquivos pesquisados, indícios de uma relação pessoal ou mesmo institucional entre Baldus e Rondon.

¹¹ Neste ano, a Seção de Estudos era chefiada por Herbert Serpa.

¹² Sobre a denominação dos cargos, há certa imprecisão de dados. Alguns autores denominam o cargo ocupado por Darcy na SPI, como de naturalista, devido à inexistência da profissão de etnólogo no período, porém os documentos oficiais do SPI referem-se a Darcy como “Etnólogo do Serviço de Proteção aos Índios”, razão pela qual opto por este termo.

do processo de reconhecimento do indígena brasileiro, Darcy nos oferece importantes referências sobre essas populações e suas relações com a política e a sociedade brasileira do período, sobretudo no que tange à criação e ao funcionamento do SPI. A contribuição de Darcy enquanto funcionário desse órgão ultrapassou os limites institucionais, com ampla divulgação dos problemas decorrentes da relação entre indígenas e sociedade nacional, especialmente no que concerne à questão da redução demográfica, denunciada em artigos e documentos oficiais do SPI, além de artigos veiculados em periódicos dedicados às ciências sociais, como é o caso da Revista *Sociologia*.

As trajetórias intelectuais e institucionais de Darcy Ribeiro e Herbert Baldus estiveram vinculadas desde a época da ELSP, passando pela indicação de Darcy ao SPI feita por Baldus, as trocas intelectuais acerca da temática indígena e uma forte amizade entre eles. Essas prerrogativas podem ser identificadas na correspondência entre esses atores. As correspondências a que me refiro estão organizadas em ordem cronológica na série “correspondências” dos arquivos alocados no Memorial Darcy Ribeiro, no campus da UNB – Brasília. Até o momento da pesquisa é possível identificar algumas questões e alguns padrões desse material.

Como já enunciado nesse texto, as trocas de cartas entre os referidos personagens apresentam-se mais intensa entre os anos de 1948 e 1956, período exato que Darcy Ribeiro desenvolveu suas atividades como etnólogo do SPI. Nesse período o assunto central das correspondências estavam vinculados a questões teóricas e metodológicas da pesquisa junto aos grupos indígenas brasileiros e também às questões inerentes às instituições em que atuavam, quais sejam SPI e Museu paulista.

Em carta de 14 de fevereiro de 1948, Darcy escreve a Baldus como forma de prestação de contas, como ele mesmo diz: ***“Prezado Professor, pretendi escrever-lhe logo que cheguei para prestar contas do meu primeiro trabalho de campo”***¹³. Nessa mesma carta Darcy fala ainda sobre a indefinição do seu contrato de trabalho no SPI: ***“Não espero ser contratado antes de março, mas talvez consiga receber também esses***

¹³ Carta de Darcy a Baldus, 14/02/1948, acervo Memorial Darcy Ribeiro

primeiros meses”¹⁴. No mês seguinte, Darcy escreve mais uma vez a Baldus, agora pedindo sua apreciação acerca de um estudo sobre os Cadiuéu/Kadiuéu e também um trabalho sobre os problemas do SPI, realizado por Dele a pedido da chefia desse órgão. Em resposta a Darcy, Baldus faz considerações e elogios ao trabalho enviado na última carta:

*“O seu trabalho sociológico é peculiarmente interessante e será publicado na revista sociologia depois de algumas modificações que faremos quando você aparecer aqui”*¹⁵

A partir dessa pequena amostra das primeiras correspondências trocadas entre Baldus e Darcy, é possível identificá-las como cartas de orientação. Um olhar mais atento a essa documentação dá ao leitor a clara impressão de uma relação de troca intelectual intensa entre os referidos personagens. A leitura e crítica de Baldus aos escritos e pesquisas de Darcy Ribeiro entre os índios assistidos pelo SPI, figuram como fundamentais para a caminhada de Darcy no campo da Etnologia.

A troca de cartas entre eles era intensa. Nesses primeiros podem-se verificar 2 cartas por mês em média. O tema era quase sempre vinculado as pesquisas entre os índios assistidos pelo SPI, envio de artigos para apreciação (Darcy para Baldus), críticas acerca da administração do SPI e planejamentos para futuras pesquisas e parcerias, além de tentativas de publicação de textos em periódicos da área no período.

Destaco até aqui a riqueza de informações¹⁶ contidas em inúmeras páginas de correspondências entre dois amigos etnólogos interessados em compreender a estrutura, a cultura e os costumes dos mais diversos grupos indígenas brasileiros. Os interesses acadêmicos e institucionais também podem ser desvelados nesses escritos, além de

¹⁴ Idem nora 11

¹⁵ Carta de Baldus a Darcy, 27/04/1948

¹⁶ À medida que a leitura dessa documentação avança, outras questões importantes tendem a ser vinculadas a essa análise. Pretendo em versão final desse texto incluí-las.

possibilitar ao leitor uma reconstrução do lugar de onde fala cada personagem e de suas vinculações intelectuais no período citado.

Dessa forma considero essa análise muito importante para a história das ciências sociais no Brasil, à medida que aproxima dois intelectuais de nacionalidade e formação distintas, na reconstrução do pensamento antropológico acerca das inúmeras populações indígenas brasileiras entre as décadas de 1940 e 1950.

Ao fim desta etapa de análise, inevitavelmente, sob o efeito dos escritos apaixonados dos etnólogos Herbert Baldus e Darcy Ribeiro, considero importante as discussões acerca dos grupos indígenas enquanto parte de uma sociedade diversa e em constante desenvolvimento; mais importante ainda classifico a presença das ciências sociais nesse esforço de compreensão da sociedade e de suas populações.

Bibliografia:

ALMEIDA, Mauro W. B. de. A etnografia em tempos de guerra: contextos temporais e nacionais da definição do objeto da antropologia In: PEIXOTO, Fernanda A.; PONTES, Heloísa, SCHWARCS, Lilia (orgs.) *Antropologias, histórias, experiências*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2004.

BALDUS, Herbert. *Antropologia aplicada e o indígena brasileiro*. Ahembi, nº 40, São Paulo, 1960.

BOMENY, Helena. *Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FIGUEREDO, Regina Érika Domingos. *Histórias de uma antropologia da Boa Vizinhaça: Um estudo sobre o papel dos antropólogos nos programas de assistência técnica e saúde no Brasil e no México (1942-1960)*. Tese de Doutorado, Campinas: Unicamp, 2009.

MATTOS, André Luis Lopes Borges de. *Darcy Ribeiro: uma trajetória (1944-1982)*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

MELATTI, Júlio Cezar. *A Antropologia no Brasil: um roteiro*. BIB, N.17, 1984

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista de Estudos Pós-Graduados em História. São Paulo: PUC-SP, 1993. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. Estudos Históricos, vol.11, n.21, 1998, pp.105-119.

PASSADOR, Luiz Henrique. Herbert Baldus e a antropologia do Brasil. Dissertação de mestrado, Campinas: IFCH/Unicamp, 2002.

RIBEIRO, Darcy. Atividades Científicas da Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios. Sociologia. Vol.XIII. N.4, 1951

RIBEIRO, Darcy. Os Índios e a Civilização. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970

RIBEIRO, Darcy. Testemunho, São Paulo: Siciliano, 1990.